



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Eixo: Território, planejamento, desenvolvimento e conflito

**AS DINÂMICA SOCIOESPACIAIS NA RESERVA EXTRATIVISTA
CHICO MENDES: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA**

Francisca da Silva Reis¹
Sergio Aparecido Nabarro²

Resumo: Como espaços da territorialidade seringueira, a Reserva Extrativista Chico Mendes (RECM) tem sua relevância para além da condição de Unidade de Conservação, configurando-se como território construído a partir das lutas dos trabalhadores extrativistas ao longo do tempo. Atualmente, a RECM coexiste com as pressões das novas dinâmicas impostas pela pecuária, por invasões e conflitos. A pesquisa teve como principal objetivo discutir as dinâmicas socioespaciais presentes na RECM, principalmente a expansão da pecuária e os efeitos desse avanço, demonstrando algumas práticas de resistência diante das transformações vigentes. Para isso, adotou-se o levantamento bibliográfico científico e utilizou-se também publicações de jornais e revistas sobre o assunto. Os resultados mostram a importância da RECM, sobretudo como espaço de resistência política e simbólica para seringueiros, extrativistas e populações locais que expressam sua resiliência diante as mudanças que visam à fragmentação territorial e à imposição de novos usos da terra.

Palavras-chave: População extrativista; territorialidade seringueira; mudanças territoriais, Amazonia Sul-ocidental, uso da terra.

Abstract: As spaces of rubber tapper territoriality, the Chico Mendes Extractive Reserve (RECM) holds relevance beyond its status as a Conservation Unit, establishing itself as a territory built through the struggles of extractive workers over time. Currently, the RECM coexists with pressures from new dynamics imposed by cattle ranching, invasions, and conflicts. The main objective of the research was to discuss the socio-spatial dynamics present in the RECM, particularly the expansion of cattle ranching and the effects of this advance, while highlighting some practices of resistance in the face of ongoing transformations. To achieve this, a scientific bibliographic survey was conducted, complemented by publications from newspapers and magazines on the subject. The results demonstrate the importance of the RECM, especially as a space of political and symbolic resistance for rubber tappers, extractivists, and local populations who express their resilience in the face of changes aimed at territorial fragmentation and the imposition of new land uses.

Keywords: Extractivist population; seringueira territoriality; territorial changes; Southwestern Amazon; land use.

¹ Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina-UEL, francisca.silva@uel.br

² Prof. Dr. do Curso de pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina-UEL, sergionabarro@uel.br



INTRODUÇÃO

A Reserva extrativista Chico Mendes destaca-se por sua importância socioterritorial na Amazônia Sul-Occidental. Como uma das primeiras reservas instituídas no país e a segunda maior em extensão, também é uma das reservas que enfrenta problemas ambientais e territoriais em virtude da pressão da pecuária, que promove o aumento do desmatamento e os processos de venda e comercialização da terra para exploração madeireira e de outros recursos, problemas que influenciam diretamente as formas de uso do território.

As transformações das dinâmicas socioespaciais demonstram territorialidades que ameaçam a manutenção da reserva extrativista, impondo desafios que requerem práticas de sobrevivência dos extrativistas, que resistem à lógica capitalista de apropriação e uso do território.

O ato de resistência é inerente aos seringueiros, composto por ações que os acompanham desde os ciclos da borracha. Os seringueiros acostumaram-se a resistir ao patrão-seringalista, às regras de os aprisionavam ao sistema de aviamento¹, aos pecuaristas (os chamados de “paulistas”) e os atos de expulsão do território (Porto-Gonçalves, 2009). Portanto, a ação de resistir permanece viva, ainda que os desafios tenham ganhado novas proporções e dinâmicas.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi abordar as dinâmicas socioespaciais existentes na Reserva Extrativista Chico Mendes (RECM), como a expansão da pecuária, o loteamento dos seringais e o avanço do desmatamento, destacando de que forma a população local constrói práticas de resistência às transformações impostas. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico, utilizando livros, artigos e fontes de jornais e revistas.

O trabalho está organizado de maneira a compreender o histórico da RECM e sua importância territorial. Posteriormente, aborda-se as transformações recentes que ameaçam a manutenção da reserva, comprometendo o modo de vida extrativista. Por fim, expõe-se a organização social voltada à defesa do território, destacando ações de resistência às invasões; o fortalecimento participativo da juventude como porta-voz dos problemas da reserva; e projetos vigentes, como o turismo de base comunitária. Esses exemplos configuram alternativas de uso do território que se contrapõem à lógica do boi e da degradação ambiental.

A RESERVA EXTRATIVISTA CHICOS MENDES E SUA LOCALIZAÇÃO NO MUNDO

A RECM é um território institucionalmente constituído como Unidade de Conservação (UC). No entanto, configura-se como espaço da territorialidade seringueira antes mesmo de sua institucionalização como UC (Porto-Gonçalves, 2009; Alegretti, 1989).

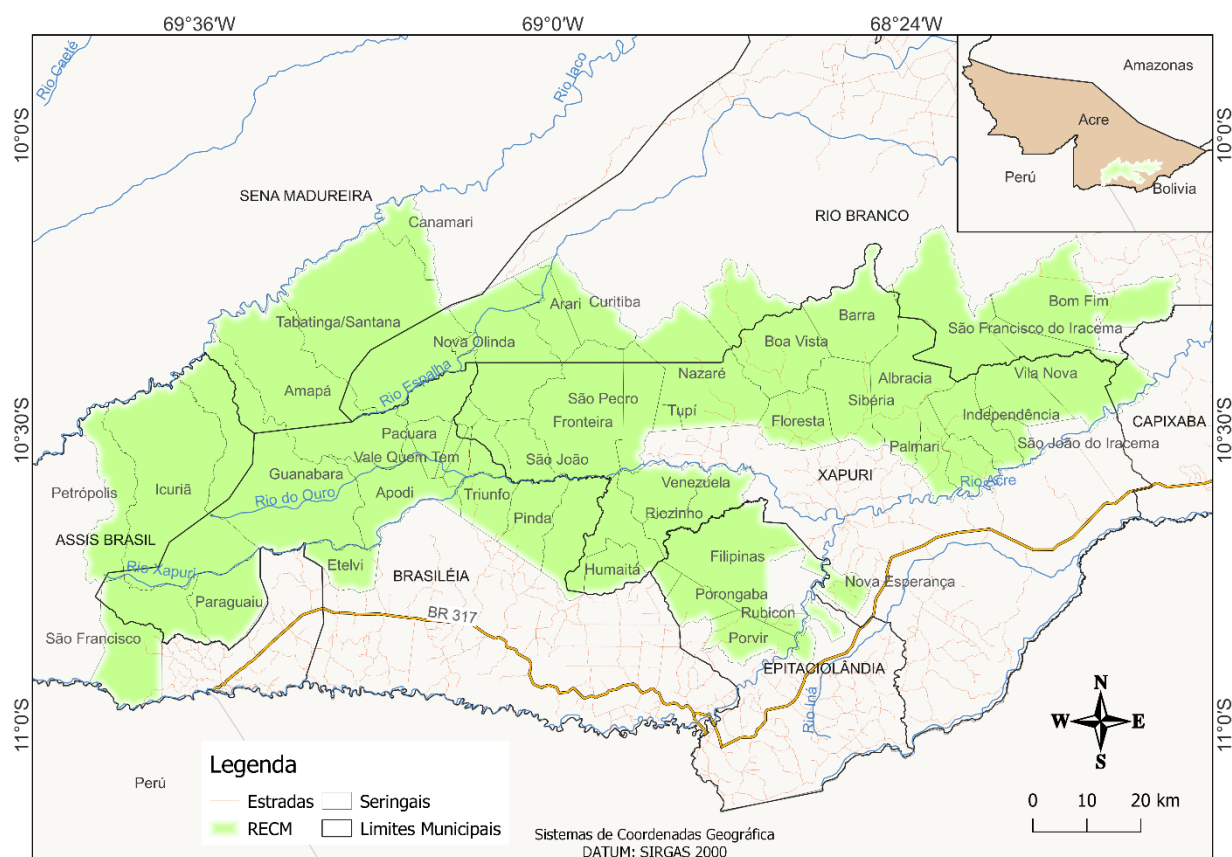
¹ Sistema de organização das relações comerciais e sociais do seringal tradicional. Mecanismo de aviamento: fornecer mercadoria a crédito que serão pagos com o produto final da safra, resulta no endividamento e a miséria do seringueiro (Alegretti, 1989, p. 25).



Para Alegretti (1989, p. 23), “a proposta de reserva extrativista surgiu justamente dessa consciência empírica dos seringueiros e de todos aqueles que dependem de atividades florestais para sobreviver na Amazonia”. Ou seja, da consciência vital da floresta na construção de seus modos de vida.

Localizada no estado do Acre, a RECM abrange uma área composta por sete municípios (Figura 1). Destaca-se por ter sido criada a partir da organização dos movimentos dos seringueiros, configurando-se como política de ordenamento territorial proposta pelos seringueiros.

Figura 1 – Reserva Extrativista Chico Mendes.



Fonte: CNUC,2025. IBGE, 2022. DNIT,2023. ANA,2023. Elaboração: autores (2026).

Esse fato evidencia sua importância e, sobretudo, a relevância dos movimentos sociais que a constituíram. Para Porto-Gonçalves (2009, p. 77), “subjacentes aos territórios (Reservas Extrativistas, por exemplo), existem processos/sujeitos instituintes (movimento dos seringueiros) e, assim, que a Geografia, mais do que um substantivo é, sobretudo, um verbo: é o ato/a ação de marcar, de grafar a terra”.

No estado do Acre, a RECM configurou-se a partir de uma conjuntura marcada pela economia da borracha e pelas políticas públicas federais de colonização dos anos setenta, processo que culminou em conflitos e violência envolvendo os seringueiros e fazendeiros, que compravam os seringais para desmatar e implantar a pecuária.

Assim, de fato, a partir de 1970 em diante assistiremos a um processo tenso e intenso de conflitos entre aqueles que dependem da floresta para viver e aqueles que querem



desmatar, posto que a floresta não tem nenhum valor de uso para quem quer fazer pasto. Na prática, os portadores desse imaginário, aqueles que o transportam, são fazendeiros ávidos de adquirir as férteis terras acreanas a baixo preço, até porque tratava-se da fronteira mais externa dos 'anéis de Thünen' (Porto-Gonçalves, 2009, p. 74).

Esses conflitos levaram os seringueiros a se organizarem e reivindicarem o direito de permanecer na terra. A territorialidade seringueira foi construída a partir das lutas dos trabalhadores extrativistas, que tiveram de resistir às ameaças externas. Diante dos desafios postos, emergia a consciência de classe e a necessidade de organização social comunitária, estruturada no sindicalismo.

O conceito de RESEX, por exemplo, é uma invenção de direito, pois não havia, até então, na tradição do direito formal brasileiro uma unidade territorial que consagrasse a dimensão social junto com a natural e ao mesmo tempo o caráter comunitário da forma de propriedade. Enfim, a partir da iniciativa dos movimentos sociais organizados é criada a primeira unidade territorial em que a defesa da natureza contempla não só a questão cultural, o "notório saber" das populações como assinalado acima, mas também a questão social com as Reservas Extrativistas (Porto-Gonçalves, 2016, p. 124).

No vale do rio Acre, afluente do rio Purus e banhado pelo rio Xapuri, na Amazônia Sul-Occidental, surge, no município de Xapuri, que significa "Rio antes", ou o que vem antes, "o princípio das coisas" (Xapuri, 2022, p.7). Como se já estivesse previsto que desse lugar nasceria um levante formado por homens e mulheres motivados pela necessidade da terra, pelo lar que seus pés pisavam e que suas mãos construíam.

Esse movimento repercutiria internacionalmente, expressando mudanças nas relações sociais e com a natureza, provocando mudanças políticas demonstrando uma identidade político-cultural, por meio das reivindicações e lutas, faria com que o Estado incorporasse em sua política um modelo próprio, com particularidades de uso amplo do território, consolidado na forma da reserva extrativista. Com o movimento consolidado, ele se expande para a Amazônia, "exigindo uma política de desenvolvimento para a Amazônia que atenda aos interesses dos seringueiros e que respeite os nossos interesses" (INESC, 1986, p.8).

Estamos diante, pois, de uma situação emblemática em que movimentos sociais se mostram formuladores intelectuais no melhor sentido da palavra. E, no caso das Reservas Extrativistas, o conceito e o paradigma que sugerem foram forjados concretamente com sangue" (Porto-Gonçalves, 2016, p. 123).

Instituída por moradores e trabalhadores, organizados em levantes sociais, a RECM enfrenta pressões, o que faz com que esse território seja fortemente impactado pelas atividades econômicas que compõem a fronteira agropecuária na Amazônia Sul-Occidental. Portanto, ainda que a Reserva seja uma área protegida, não escapa à expansão das atividades que promovem a degradação e conflitos fundiários.

Atualmente, a Reserva Extrativista Chico Mendes ocupa a quinta posição entre as quinze unidades mais afetadas da Amazônia, com área desmatada de 568,15 km² entre 2008 e 2023, segundo dados recentes do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2025). Embora não seja a líder absoluta comparada a Área de Preservação Ambiental Triunfo do Xingu (PA), a RECM encontra-se entre as mais pressionadas pelo desmatamento (IMAZON, 2026). Essa situação reflete as mudanças no uso da terra, impulsionadas pela expansão da agropecuária e



pelas ocupações irregulares.

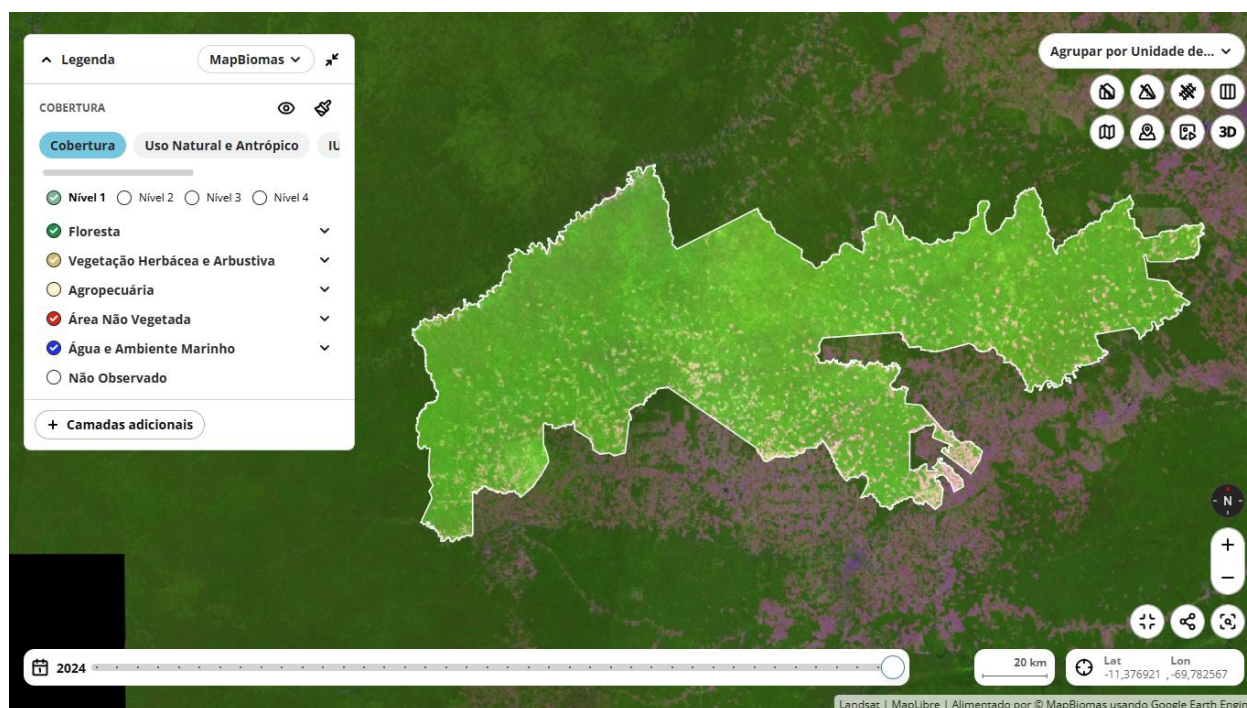
RESULTADOS

As transformações vigentes: desmatamento, pecuária e o loteamento dos seringais

Com o avanço da fronteira agropecuária na Amazônia nos últimos anos, especialmente no estado do Acre, observa-se um aumento significativo do desmatamento, processo que provoca importantes mudanças territoriais nas áreas protegidas.

Os processos que começam fora da reserva acabam sendo sentidos em seu interior, onde a pecuária se torna uma das atividades agropecuárias responsáveis pelas mudanças de uso da terra (Figura 2). Essa realidade constitui um dos principais desafios enfrentados pelas populações locais e pela gestão da reserva, que precisam enfrentar as consequências dessa crescente pressão.

Figura 2 - Cobertura da terra da Reserva Extrativista Chico Mendes



Fonte: Mapbiomas (2024).

O desmatamento no estado do Acre é consequência da expansão da fronteira agropecuária. Como um problema ambiental vigente, ele se estende também às áreas protegidas da região, o que vem se tornando cada vez mais um elemento que compromete os modos de vida das comunidades dessas áreas.

Entre os estados que compõem a Amazônia legal, o Acre ocupa a sexta posição em desmatamento. Contudo, esses números vêm crescendo ao longo do tempo. Os estados do Pará, Mato Grosso, Rondônia, Amazonas e Maranhão correspondem aos estados que mais desmatam na Amazônia respectivamente (INPE, 2025).

O desmatamento e as queimadas são partes do processo de mudança na cobertura da terra e, juntos, são responsáveis pela transformação da floresta em áreas voltadas à



agropecuária (Silva et al., 2021).

A dinâmica de degradação e formação de pastagem em ambiente amazônico está relacionada aos diferentes níveis de degradação, como o uso do fogo, que obedece a objetivos e dinâmicas específicas. Essa prática envolve o corte e queima de florestas para a preparação agrícola e a formação de novas pastagens (Nepstad, Moreira e Alencar, 1999).

O estado do Acre conserva boa parte de suas florestas (87%). No entanto, nos últimos anos, o percentual de áreas convertidas cresceu progressivamente. Em 2008, a área convertida correspondia a cerca de 9,8%. Em 2022, subiu 14,2%, expressando uma tendência de aumento anual progressivo (Tabela 1).

Tabela 1 - Percentual de área convertida em relação a floresta

Ano	Floresta (km ²)	Área Convertida (Pastagem + DA) (km ²)	Percentual Convertida / Floresta (%)	% de Floresta (%)
2008	148.007,52	14.558,30	9,80%	91,0%
2010	148.267,80	14.474,71	9,80%	91,1%
2012	147.202,74	15.505,05	10,50%	90,5%
2014	146.351,44	16.342,43	11,20%	89,9%
2016	147.282,06	15.806,15	10,70%	90,2%
2018	146.909,68	16.183,36	11,00%	90,1%
2020	145.336,52	17.664,59	12,10%	89,1%
2022	142.636,56	20.178,75	14,20%	87,6%

Fonte: INPE/TerraClass. Elaborado por Reis (2026).

A análise dos dados de uso e cobertura da terra entre 1985 e 2023 (Tabela 2) demonstra que a floresta está tendo sua área reduzida. Em trinta e oito anos, houve uma perda de 100 mil hectares da cobertura florestal da RECM. Em contrapartida, verificou-se o aumento da área de pastagem nesse período, demonstrando uma relação direta entre a perda florestal e aumento da pastagem, que somaram 99 mil hectares. Essas mudanças tornam-se mais evidentes a partir de 2005 intensificando-se nos anos de 2022 e 2023 (Reis e Nabarro, 2025).

Tabela 2 – Formação florestal e pastagem na Reserva Extrativista Chico Mendes (1985-2023).

	Formação florestal (ha)	Área de pastagem (ha)	Perda Florestal
1985	924.575,52	5.645,21	0,61%
1995	922.313,51	7.966,48	0,86%
2005	908.090,94	22.375,84	2,46%
2015	887.266,45	43.044,77	4,85%
2022	833.171,08	97.143,03	11,66%
2023	824.128,84	105.530,37	12,81%
Total	5.299.546,35	281.705,70	33,25%

Fonte: MapBioma (2025). Organizado pelos autores (2026).

Ocupações irregulares e loteamento dos seringais



Como efeito da dinâmica do desmatamento, ocupações irregulares e o processo de loteamento tornou-se latente dentro da reserva. Esse fator contribui para o aumento dos conflitos por terra e implica em mudanças territoriais intensas.

O processo de loteamento expressa um risco para a manutenção do modelo de reserva extrativista, uma vez que os agentes provenientes dessas ocupações chegam com objetivos que não coadunam com o modelo extrativista, mas com a lógica da propriedade privada, voltada ao uso específico para a expansão pecuarista. Predominam, assim, visões de atividades que impactam grandemente a manutenção da Reserva, ou seja, o avanço da pecuária estimula mudanças de uso da terra, sobrepondo o desmatamento para implantação de pastagens. Por conseguinte, expressa o processo de ocupação configurado pelas invasões e pela comercialização ilegal de terras (Reis e Nabarro, 2025; Acre 24 horas, 2025).

O processo de ocupação na RECM, ocorre por meio da venda de áreas menores de terra, configurada pelo loteamento, que consiste nas negociações informais de compra e venda e, em alguns casos pela invasão (Franco, 2024).

Essa prática envolve a participação de múltiplos agentes: a venda por moradores antigos, que, diante da estagnação das atividades extrativistas, não veem alternativa para permanecer na terra e acabam negociando-a com terceiros; ou ainda pelas mudanças geracionais dentro de uma colocação, quando o usufruto é transferido para os filhos de seringueiros, que veem na criação de gado uma alternativa de viabilidade econômica.

Também ocorre pelo processo de ocupação de agricultores sem-terra provenientes de estado vizinhos, especialmente Rondônia. “A maioria dos compradores de terra dentro da Resex Chico Mendes não são extrativistas, querem investir na agropecuária. Parte deles é oriunda de Rondônia” (Fontes, 2023, p. 1).

Há também a invasão por pecuaristas, que se apropriam da terra para exploração da madeira e implantação da pecuária.

Este comércio de lotes é um dos principais fatores a impulsionar o desmatamento dentro da unidade de conservação, principalmente a partir de 2019. Foi no final daquele ano que aconteceu a apresentação do projeto de lei (PL 6024), na Câmara dos Deputados, que afeta áreas da Resex Chico Mendes. O projeto foi encampado pelos moradores da UC que já devastaram toda a floresta de suas colocações, transformando-se em médios e grandes pecuaristas. A simples perspectiva de aprovação da proposta provocou um boom na comercialização de terras pelos moradores. Entre 2019 e 2002 a Resex Chico Mendes esteve entre uma das unidades de conservação mais desmatadas na Amazônia Legal. De acordo com o Inpe, no período a área desmatada chegou a 307 km² (Fontes, 2023, p. 2).

Essas contradições refletem as diversas formas de uso e práticas que ocorrem na resex, decorrentes desse processo intenso de mudanças territoriais causadas pelo avanço da pecuária, pela entrada massiva de novos moradores e pelo fracionamento da terra dentro da resex.

Além do avanço da agropecuária, a Resex Chico Mendes passou a ser muito impactada pelo o que se chama de fracionamento das colocações – ou seja, a venda de lotes de terras pelos próprios moradores. As áreas vendidas têm a floresta desmatada para, em seu lugar, entrar o capim para o boi (Pontes, 2023, on-line).

A pecuária adentra na reserva devido ao seu alto valor econômico, à disponibilidade de



terra e à possibilidade de expansão das pastagens. Como consequência desse processo, as ocupações e o fracionamento da terra tornam-se:

[...] um problema generalizado. Aí como consequência tem as invasões de divisas [limites]. Tem tanto os moradores novos que chegam entram [nas terras dos vizinhos] como os antigos vendem suas colocações e querem entrar na parte de divisa da gente, tomando para o desmatamento para aumentar a quantidade de terra que eles venderam”, afirma ela (Silva, 2023, on-line- grifos do autor).

Nesse sentido, Franco (2024) destaca os aspectos socioculturais que se diferem entre os seringais tradicionais que se distingue entre o corte de seringa, coleta da castanha e pequena criação de gado seguindo o plano de uso da UC, cujas práticas são voltadas ao extrativismo. Por outro lado, existem os seringais considerados não tradicionais que tem como prática o uso especulativo da terra e a pecuária.

Práticas de resistência das populações contra a pecuarização

O território da reserva extrativista expressa a territorialidade seringueira e demonstra a força social intrínseca ao território, sobretudo expressa:

[...] identidade político-cultural dos seringueiros e caboclos se colocou como uma possibilidade concreta diante da ameaça à sobrevivência material e simbólica derivada da nova configuração socio-geográfica mundial-nacional e, particularmente, acreana, implicada pela co-presença de novos sujeitos/processos instituintes e, portanto, novos encontros/relações com/contra quem terão que se haver a partir do que, concretamente, tiveram que desenvolver suas novas/outras estratégias de sobre vivência, sempre e ao mesmo tempo, material e simbólicas (Porto-Gonçalves, 2009, p.67).

A estrutura territorial, marcada pelas pressões da oligarquia pecuarista, é onde as práticas agropecuárias são disseminadas como única saída para o progresso econômico do Acre. Dessa forma, a Reserva Extrativista Chico Mendes engendra tal cultura. Portanto, superar esse discurso dominante é um dos desafios que se impõe atualmente. A questão da viabilidade econômica frente ao enfraquecimento do extrativismo e das dificuldades de as populações tradicionais reproduzir-se socialmente, e manter seus modos de vida, faz com que as comunidades adotem práticas de acordo com suas necessidades. Diante disso, as práticas se diferem entre os usos voltados especificamente para à pecuária e os usos tradicionais (Franco, 2024), demonstrando conflitos internos quanto ao uso da terra na RECM.

Ao longo do tempo, os seringueiros demonstraram força e resistência diante crises que aconteceram entre o boom dos ciclos da borracha e a sua estagnação. Dessa forma, reinventaram-se em suas estratégias “tiveram que aprender com os povos originários modos de conviver/sobreviver com a floresta” (Porto-Gonçalves, 2016, p. 110). Sobreviveram ao seringalismo patronal da economia da borracha no século XIX e XX. Resistiram às ações de expulsão na década de 1970 por meio dos empates (Porto-Gonçalves, 2016, p. 83).

Mas as ações de resistência não ficaram no passado. Atualmente, as populações ainda lutam contra pressões que impactam seus modos de vida, contrapondo-se aos processos de devastação e conflitos referente a venda irregular de lotes dentro da reserva, a exemplo do conflito entre moradores que têm práticas de uso diferentes. Frequentemente existem denúncias de ações de venda irregular entre parentes e de devastação de áreas dentro da RECM.



Os conflitos internos também surgem quando vizinhos adentram aos limites entre as colocações² e abertura de varadouro³ sem autorização, ocorrendo ameaças a oposição e denúncias de crime ambiental, de desmatamento e queimadas (Fontes, 2023).

As alternativas de resistência englobam também as ações comunitárias de alternativas ecológicas, especialmente aquelas que envolvem a juventude. O engajamento da juventude na defesa da identidade político-cultural na RECM é um aspecto que se coloca como prioridade. Dessa forma, surge a iniciativa do “coletivo varadouro”, que trabalha no sentido de envolver a juventude na discussão dos problemas vigentes no território (Farias, 2023). O ativismo da juventude mobiliza os jovens com relação à luta socioambiental construindo uma geração que valoriza o modo de vida seringueiro, utilizando-se da comunicação por meio das redes sociais, fotografias, ativismos e denúncias dos problemas da resex (Farias, 2023).

Outra ação importante que pode ser inserida na reserva são as atividades de turismo de base florestal, como alternativa econômica que envolve as famílias, gerando renda e fortalecendo a conservação. O turismo de base comunitária é uma iniciativa que integra o Programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA), que visa valorizar a floresta e gerar renda às famílias extrativistas. A construção e sinalização das trilhas envolve os moradores na abertura do caminho e escolha do melhor percurso com atrativos da biodiversidade (Funbio, 2018). Um exemplo é a Eco Tour Resex, iniciativa de um morador da RECM que viu nessa atividade uma alternativa econômica que oferece atividade de trilha, incluindo uma imersão na floresta, apresentação da história e da tradição seringueira (Eco-Tour-Resex, 2026).

Outras atividades produtivas sustentáveis e economicamente viáveis fortalecem o protagonismo das comunidades no processo de restauração ecológica. O modelo dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) com o apoio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), ou de forma independente, envolvem a restauração de áreas utilizadas como pastagem (ICMBIO, 2025).

Foi uma experiência muito rica. Eu também tenho, na minha colocação, um trabalho parecido com esse. A área é menor e a quantidade de árvores também, mas feito com muito esforço. Ao conhecer a experiência do João e do outro companheiro, saio daqui super entusiasmado e empolgado, porque acredito muito nesse tipo de trabalho dentro da nossa Reserva. É dessa forma que vamos superar as dificuldades que temos enfrentado, inclusive com os desmatamentos e a retaliação às colocações aqui dentro (Mendes, 2025, on-line).

Essas práticas fortalecem o território, especialmente quando as comunidades adquirem certos níveis de consolidação das áreas que ocupam. Isso se expressa na consolidação de suas práticas culturais e sociais, na autonomia nas decisões e ações políticas e na materialização concreta dessas dinâmicas no espaço (Bozzano, 2000).

² É considerada uma colocação uma unidade com o mínimo de duas estradas de seringa de no mínimo 200 hectares. Cada estrada de seringa deve ter no mínimo 100 árvores de seringa (IBAMA, 2006, p. 52).

³ Os varadouros são caminhos abertos e conservados pelos seringueiros através de mutirões, enquanto as varações são picadas estreitas dentro da floresta (CNS, 1992 *apud* IBAMA, 2006, p. 32).



CONCLUSÕES

A Reserva Extrativista Chico Mendes foi construída com base na concepção de luta que abrange aspectos de resistência material e simbólicos dos seringueiros, população que ao longo do tempo passou por crises e construiu práticas de resistência desde meados do século XIX. Assim, como luta e símbolo dessa territorialidade, se materializou nos territórios de Reserva Extrativista.

No entanto, as pressões de domínio e apropriação da terra, bem como o avanço do desmatamento dinamizado pela pecuária, intensificaram-se, flexibilizando e enfraquecendo esses territórios e instituindo práticas degradantes nas áreas de floresta. O estudo destaca que o espaço da reserva se encontra-se fragmentado, apresentando dualidades de interesses entre diversos agentes, o que faz emergir estratégias de organização voltadas à manutenção dos fundamentos da reserva extrativista, de modo a mantê-la viva frente às transformações socioespaciais. Portanto, as práticas de resistência a esses processos tornam-se latentes, evidenciando a necessidade de organização social que visa à defesa da floresta e à manutenção dos modos de vida das populações locais.

As ações de resistência são intrínsecas ao território da reserva, o que evidencia sua importância diante da conjuntura de mudanças políticas e ambientais do país. Por isso, a garantia de direitos e das condições de reprodução das populações remanescentes de seringueiros ribeirinhos e extrativistas em seus territórios é fundamental.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ACRE 24 HORAS. Operação da PF combate invasões e desmatamento na Resex Chico Mendes. 2025. Disponível em: <https://ac24horas.com/2025/08/12/operacao-da-pf-combate-invasoes-e-desmatamento-na-Resex-chico-mendes/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

ALLEGRETTI, Mary. Reservas Extrativistas: uma proposta de desenvolvimento para a floresta amazônica. **São Paulo em Perspectiva**, v. 3., n. 4, p. 23-29, 1989. Disponível em: [\(PDF\) Reservas extrativistas: uma proposta de desenvolvimento para a floresta amazônica](#). Acesso em: 16 jun. 2025.

BOZZANO, Horacio Rodolfo. Territorios reales, territorios pensados, territorios posibles. In: Jornadas de Geografía de la UNLP, 2, 2000, La Plata (Argentina). Anais[...]. La Plata: Facultad.

Eco-Tour-Resex. Turismo Comunitário. Disponível em: https://www.instagram.com/eco_tour_resex/. Acesso em: 10 fev. 2026.

FARIAS, Rose. Youth on the move. VCA -Voices for Just Climate Action. ed 1. jun. 2023. p. 48-51. Disponível em: <https://voicesforjustclimateaction.org/news-and-views/youth-on-the-move/>. Acesso em: 10 fev. 2026.



FRANCO, Alexander de Oliveira. Disfuncionalidades em áreas naturais protegidas na Amazônia sul ocidental. Rio Branco: Edição do autor EAC editor, 2024.

FUNBIO. Trilha turística de 90 km abre a Resex Chico Mendes para o turismo de base comunitária. ago. 2018. Disponível em: [Trilha turística de 90 quilômetros abre a Resex Chico Mendes para o turismo de base comunitária](#). Acesso em: 10 fev. 2026.

IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Plano de manejo Reserva Extrativista Chico Mendes. Xapuri-AC, dez de 2006.

ICMBIO. ICMBio e Embrapa realizam o I Intercâmbio em Sistemas Agroflorestais com produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes (AC). dez. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/icmbio-e-embrapa-realizam-o-i-intercambio-em-sistemas-agroflorestais-com-produtores-da-reserva-extrativista-chico-mendes-ac>. Acesso em: 12 fev. 2026.

INESC- Instituto de Estudos Socioeconômicos. Relatório do Encontro Nacional dos Seringueiros da Amazônia. Brasília, 1985. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/dossie-sobre-o-encontro>. Acesso em: 30 jun. 2026.

IMAZON - Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia. Ameaça e Pressão de Desmatamento em Áreas Protegidas: SAD de Outubro a Dezembro 2025. fev. 2026. Disponível em: <https://amazon.org.br/boletins/ameaca-e-pressao-de-desmatamento-em-areas-protegidas-sad-de-outubro-a-dezembro-2025>. Acesso em: 11 fev. 2026.

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Incremento de desmatamento acumulado – Amazônia legal-Unidade de Conservação. dez. 2025. Disponível em: https://terrabilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/deforestation/biomes/legal_amazon/increments. Acesso em: 11 fev. 2026.

MENDES, Raimundo. ICMBio e Embrapa realizam o I Intercâmbio em Sistemas Agroflorestais com produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes (AC).Entrevista concedida ao ICMBIO, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/icmbio-e-embrapa-realizam-o-i-intercambio-em-sistemas-agroflorestais-com-produtores-da-reserva-extrativista-chico-mendes-ac>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MAPBIOMAS. Cobertura Reserva Extrativista Chico Mendes. 2024. Disponível em: <https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/coverage/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

NEPSTAD, Daniel; MOREIRA, Adriana; ALENCAR, Ane. A Floresta em Chamas: Origens, Impactos e Prevenção de Fogo na Amazônia. Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, Brasília, 1999.

PONTES, Fábio. Uma seringueira de pé. Varadouro. 26 set. 2023. Disponível em: <https://ovaradouro.com.br/uma-seringueira-de-pe/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Territorialidade Seringueira: Geografia e Movimento Social. **GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 2, p. 67-88, set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13352>. Acesso em: 19 ago. 2024.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. O difícil espelho: a originalidade teórico-política do movimento dos seringueiros e a “confluência perversa” no campo ambiental no Acre. In: Hocsman, Luis Daniel & Porto-Gonçalves, Carlos Walter (orgs.). **Despojos y resistencias en América Latina**. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, p. 107-140, 2016.

INPE. PRODES- Taxa de desmatamento. 2025. Disponível em: https://terrabilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/deforestation/biomes/legal_amazon/rates. Acesso



em: 18 fev. 2026.

REIS, Francisca da Silva; NABARRO, Sergio Aparecido. 2025. Reserva Extrativista Chico Mendes-Acre: ocupação irregular e a expansão da pecuária. *In*: XI Simpósio Internacional de Geografia Agrária. 2025. **Anais**[...] no prelo.

SILVA, Luzineide Marques da. Uma seringueira de pé. Entrevista concedida ao jornal Varadouro, Xapuri, 2023. Disponível em: <https://ovaradouro.com.br/uma-seringueira-de-pe/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

SILVA, Sonaira Souza da; OLIVEIRA, Igor; MORELLO, Thiago Fonseca; ANDERSON, Liana Oighenstein; KARLOKOSKI, Adriele; BRANDO, Paulo Monteiro. Burning in southwestern Brazilian Amazonia, 2016-2019, *Journal of Environmental Management*, v. 286, p.112-189, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0301479721002516>. Acesso em: 04 mar. 2024.

Xapuri. **Xapuri Socioambiental**. Ano 8, n. 98, 2022. Disponível em: <https://xapuri.info/wp-content/uploads/2022/11/xapuri-98.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2026.

.